

A presente proposta de trabalho integra-se no projeto Mochila Verde, implementado pela Agência Municipal de Energia-Ambiente – Lisboa E-Nova e a Câmara Municipal de Lisboa, que pretende incentivar a realização de atividades escolar na temática da Educação para o Desenvolvimento Sustentável usando ferramentas e criando novas dinâmicas.

O meio urbano como habitat



As cidades constituem um habitat artificial, densamente povoado por humanos e por isso os ecossistemas que aqui se desenvolvem diferem tanto dos sistemas rurais, naturais ou não. No entanto, também num ambiente urbano se pode encontrar biodiversidade. As borboletas, os peixinhos-de-prata, os pombos, os pardais, os ratos e até os cães e os gatos são seguramente os mais fáceis de observar. Porém, muitas outras espécies estão presentes, sobretudo em cidades com abundância de espaços verdes, geridos de uma forma sustentável e com boas ligações entre eles, através de corredores verdes e com habitats tão diversificados quanto possível: florestas, zona ribeirinha, hortas e, sobretudo, nos espaços fronteira entre eles. Esta estrutura verde articulada e ecologicamente funcional pode também constituir local de alimentação e refúgio para algumas espécies migradoras.

Na cidade de Lisboa é possível definir alguns habitats distintos:

1) A referida estrutura verde, articulada e com bolsas com maior dimensão que funcionam de habitat de nidificação às espécies com necessidades de maior área territorial, a pequenos parques, jardins, logradouros e arvoredo contínuo;

- 2)** O edificado contínuo, que se assemelha a um habitat rupícola (escarpas e arribas), bastante árido e especialmente apetecível para espécies rústicas, cosmopolitas e oportunistas;
- 3)** O rio e as suas margens.



Abelha-doméstica (*Apis mellifera*) e Percevejo-da-malva-arbórea, de fogo ou da máscara africana (*Pyrrhocoris apterus*)

Em termos de Biodiversidade, Lisboa possui ainda uma grande riqueza (sobretudo graças à grande área florestal do Parque de Monsanto e à importante

influência do rio Tejo) pelo que é possível encontrar um número de espécies de fauna extraordinariamente elevado se compararmos com outras capitais.

Mas mesmo só olhando para a cidade consolidada, naturalmente, muitas das espécies de aves presentes em Lisboa encontram-se nos parques e jardins, assim como nas árvores de arruamento que os unem: pardais, melros, rolas, estorninhos, trepadeiras, tentilhões, andorinhas, chamarizes, alvéolas, chapins, felosas, toutinegras, estrelinhas e piscos e ... Curiosamente, este habitat tem como predadores de topo os gaios e algumas rapinas noturnas como as diferentes corujas e mochos.



Melro (*Turdus merula*) e chapim-preto (*Parus ater*)

No edificado, como se disse, muitas das espécies presentes em Lisboa são aves características de habitats rupícolas, como as andorinhas, os pardais e os pombos, que encontraram nas fachadas edificadas um habitat similar ao original, isto a par de uma alimentação relativamente fácil (insetos no caso das primeiras, ou restos de comida ou alimento fornecido por alguns munícipes no caso das segundas). Associados a eles, os seus predadores naturais como os diferentes falcões: os peneiros de dorso malhado e os falcões-peregrinos surgem nalguns locais (por vezes com a colaboração

humana como é caso das áreas do aeroporto de Lisboa).

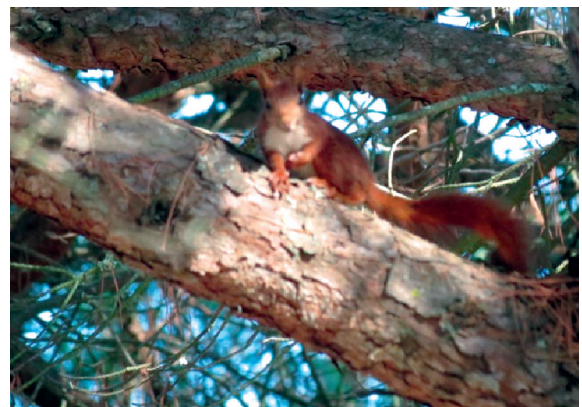
Outras espécies, como os corvos e as gralhas, poderão ter sido em tempos mais numerosos na cidade (ainda fazem parte do logótipo do município), mas ao contrário de outras cidades europeias, não proliferaram em Lisboa.

Junto ao estuário, merecem destaque as diferentes gaivotas e as andorinhas-do-mar, cujas espécies mais oportunistas se alimentam de peixe e bivalves no rio Tejo, mas ocupam também os habitats mais urbanizados onde tiram partido de resíduos domésticos orgânicos. Sobre a atmosfera do rio, dominam também os andorinhões que na aurora e ao crepúsculo invadem a cidade na procura de insetos antecedendo os mochos-galegos e os morcegos (os primeiros fáceis de ouvir e os segundos de ver volteando em torno dos candeeiros).

Existem ainda muitas outras espécies que podem ser observadas mas estão geralmente de passagem tais como os patos-reais, os tordos, os rouxinóis, os papa-moscas, os pilritos e os maçaricos.

Outras ainda, originárias de outros continentes, fugiram das suas gaiolas e instalaram-se no arvoredo da cidade, como os periquitos-de-colar e alguns papagaios.

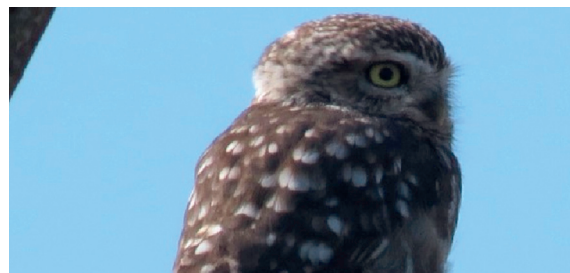
Quanto aos mamíferos, para além dos gatos e cães abandonados e assilvestrados, os nossos comensais mais comuns são os ratos e as ratazanas, mas existem também diversas colónias de morcegos e ouriços-cacheiros. Já no Parque Florestal de Monsanto ocorrem ainda coelhos, musaranhos, toupeiras e diversas espécies de ratos silvestres e os seus predadores, como a raposa e as genetas. Não nos podemos esquecer do esquilo-vermelho, recentemente reintroduzido e que se reestabeleceu em Monsanto, sendo por vezes visto também na periferia, já dentro da cidade.



Esquilo-vermelho (*Sciurus vulgaris infuscatus*)

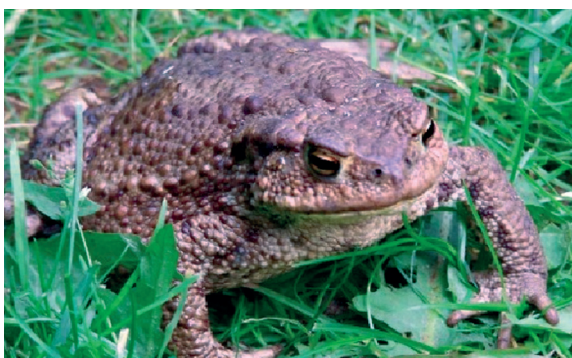


Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*)



Mocho-galego (*Athene noctua*)

Nesse Parque, a ocorrência de répteis (cobras, lagartixas, sardões, osgas e cágados) e de anfíbios (sapos, rãs, relas, salamandras e tritões) começa a ser relevante após a instalação de planos de água em diferentes locais.



Sapo (*Bufo bufo*) e cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*)

A presença dos roedores possibilita a ocorrência frequente e até a nidificação de corujas-das-torres, corujas-do-mato, águias-d'asa-redonda e peneireiros.

Para além da referida macrofauna, o ecossistema urbano tem também muitas outras espécies, desde os inúmeros insetos e aracnídeos à microfauna, presente nas nossas casas, como por exemplo os conhecidos ácaros.

Atividade: “Aprender a ver”

Realização de uma saída de campo, orientando-a para uma observação cuidada dos pormenores que permitam a identificação dos indivíduos e a anotação dos comportamentos observados (de preferência no caderno de campo). Pretende-se, assim, estimular a tomada de consciência da riqueza em Biodiversidade existente na cidade e a importância do capital natural urbano, bem como dar a conhecer as principais espécies de animais que vivem na cidade.

Locais de referência:

- Parque Florestal de Monsanto;
- Zona ribeirinha, junto ao Tejo;
- Sapais do Parque das Nações;
- Rio Trancão;
- Jardins;
- Hortas urbanas;
- Árvores de alinhamento na cidade ao fim do dia.

Responsável Pedagógico

Inês Metelo (CML)

Fernando Louro Alves (CML)

Fotografia

Fernando Louro Alves